

e os difíceis tempos pós-conciliares. O autor do Prólogo cita, a propósito, o juízo de Olegário González de Cardedal: «A obra de Ratzinger é um diálogo crítico com tudo o que aconteceu nos anos desde a clausura do Concílio até aos nossos dias». Com uma preocupação constante: a de, em qualquer assunto que seja, estabelecer a teologia no seu ponto de equilíbrio.

Nestas Jornadas houve a preocupação de dar conta, quanto possível, dos temas mais centrais desse pensamento teológico. Uma primeira conferência, da autoria do prof. Gabino Uríbarri Bilbao, muito bem desenhada, é dedicada à questão fundamental da interpretação da Escritura. Após uma série de prolegómenos de interesse, apresenta cinco teses de Ratzinger sobre o assunto. O pensamento cristológico é versado em seguida, pelo prof. José Vidal Taléns, tendo como referência de fundo o livro *Jesus de Nazaré*. Segue-se o pensamento das duas encíclicas ao tempo publicadas. Primeiro, *Deus caritas est*, a propósito da qual o prof. Júlío L. Martínez mostra como o actual Papa «teologizou» o fundamento da moral, colocando o seu centro e a sua essência no amor. Depois, *Spe salvi*, comentada por Santiago del Cura Elena, que destaca, e bem, a preocupação de Ratzinger em estabelecer, nesta difícil temática da escatologia, um diálogo crítico com a cultura do nosso tempo. Segue-se a eclesiologia, versada por Santiago Madrigal. A teologia das religiões constitui o tema desenvolvido pelo prof. Pedro Rodríguez Panizo, que põe em relevo a visão agostiniana de Ratzinger: no problema da relação das outras religiões com o cristianismo, o aspecto central não é o religioso (da experiência religiosa ou da salvação) mas o problema da verdade. O penúltimo tema é dedicado à relação entre a fé e a razão, versado pelo prof. Pawel Kapusta, que assume como principal referência o famoso

discurso do (já) Papa na Universidade de Ratisbona. Um último assunto, também central e muito querido por J. Ratzinger é o da relação entre teologia e liturgia. Está tratado por Mons. Ricardo Blázquez, Bispo de Bilbao.

JORGE COUTINHO

HOFMANN, Peter, **Richard Wagners politische Theologie. Kunst zwischen Revolution und Religion**, Paderborn: Schöningh, 2003, 308 pp.

Este estranho volume corresponde ao escrito de *Habilitation* de um jovem teólogo alemão, actualmente docente de Teologia na Universidade de Koblenz/Landau. A estranheza do escrito reside, precisamente, no objecto de estudo. O que acontece a vários níveis. Que se trate de teologia política já não será estranho – embora esta teologia política seja muito própria. Que o assunto seja a arte, já soará mais estranho aos hábitos teológicos, embora recentemente se tenha quebrado frequentemente essa estranheza. Mas que um teólogo estude Wagner e, ainda por cima, que encontre na sua música e nos seus escritos – isto é, no seu pensamento, expresso de modos vários – uma teologia, trata-se de algo inaudito. Nisso reside a primeira originalidade deste estudo, que pode ser interpretada claramente como atrevimento. Mas a ciência, também a teológica, faz-se com atrevimentos. De facto, considero que o atrevimento teve êxito, na medida em que o autor consegue demonstrar exaustivamente que podemos encontrar um pensamento teológico em Wagner.

Mas o atrevimento do autor vai mais longe, pois ousou explorar um âmbito de estudo complexo, já abordado por grandes especialistas e pensadores, e que mantém

uma aura de ambiguidade muito especial, sobretudo se pensarmos na história da Alemanha e da Europa do último século. Também aí me parece ter superado admiravelmente a prova, uma vez que conseguiu oferecer-nos uma leitura original de Wagner, mostrando com clareza os problemas das leituras feitas até aqui, quanto ao aspecto estudado – ou próximo dele – e propondo uma outra abordagem, mais adequada ao real pensamento de Wagner – e não tanto ao dos wagnerianos – e mais fértil para o contexto específico da teologia.

Tratando-se de um trabalho académico, era necessário demonstrar com precisão a justeza das teses defendidas. Nesse sentido, todo o trabalho é o acumular progressivo de leitura do próprio texto wagneriano, assim como da sua obra musical. É claro que, não se tratando do trabalho de um músico de profissão, não encontramos no volume nenhuma análise propriamente musical. Quando muito, são objecto de estudo os textos das grandes obras wagnerianas, todas elas dramáticas. Para além disso, o estudo concentra-se sobretudo em escritos do próprio Wagner, que ajudam a decifrar com mais exactidão o seu pensamento – independentemente do fenómeno Wagner e de tudo o que desencadeou. Esse é o método escolhido pelo autor, que me parece deveras adequado e importante, sobretudo quando se estudam autores já muito transformados pela interpretação. Poderíamos dizer que estamos perante uma desconstrução das interpretações de Wagner, com uma reconstrução do seu pensamento, a partir dele mesmo e dos seus modos de expressão.

No intuito de clarificar a envergadura dessa desconstrução, o autor começa por analisar criticamente os modos habituais de leitura de Wagner, concentrando-se nada mais nada menos que em Nietzsche,

Thomas Mann, Walter Benjamin, Theodor Adorno e Odo Marquard. O debate é, por isso, situado ao mais alto nível da reflexão filosófica e estética.

A segunda parte dedica-se, então, a demonstrar, pelo texto wagneriano, a crítica feita às leituras precedentes e a formular, progressivamente, a leitura proposta pelo autor. Isso acontece em diversos passos – os passos que, segundo o autor, correspondem às três fases da vida e do pensamento wagnerianos, marcadas por duas rupturas ou fugas: a primeira fase, considerada pelo autor «missão teatral», pretendia realizar uma revolução política através da representação teatral, coincidindo esta ideia revolucionária com a «revolução de Dresden», em 1849. Wagner ter-se-á desiludido com esta tentativa de uma revolução pelo teatro e, através de uma «fuga» para a Suíça, concentrou-se numa segunda fase da sua produção, sob o lema de uma «dialéctica da negação», que atinge o seu ponto alto em *Tristão e Isolda*, como negação (pela morte) da negação do amor, que a vida fazia cair implacavelmente sobre os amantes.

Mas esta segunda fase também não satisfaz Wagner, que volta a «fugir» - agora para longe do próprio contexto teatral de Bayreuth. Nestes «anos de viagem», desenvolve uma espécie de «soteriologia sem teísmo». *Parsifal* é, possivelmente, a concentração de todo o pensamento wagneriano, que se desenvolve também em escritos, como é o caso dos escritos tardios sobre «arte e religião». Todo este trajecto pode assim resumir-se, segundo as palavras do autor: «No início existe simplesmente a "revolução política almejada", a qual, então, fracassada como revolução artística, se torna, finalmente, religião» (267). Nesta última fase é que é possível, segundo o teólogo de Koblenz, encontrar explicitamente uma teologia

política suficientemente desenvolvida, no pensamento de Wagner.

A proposta de Wagner não é, contudo, do género da proposta romântica de criação de uma religião da arte, em que o próprio fenómeno artístico assume o papel da religião, sendo proposto como único caminho de possível salvação. A sua proposta assume a arte como modo excelso de articular a própria religião, que ela não cria nem ela própria é, mas que recebe de uma memória específica. No caso de Wagner, essa origem é claramente o cristianismo e a sua perspectiva de salvação pela força do amor, enquanto entrega de si, até à negação de si e a com-paixão pelo outro. Mesmo que em forte proximidade com Schopenhauer e, até, com a filosofia nihilista asiática (e com o budismo), Wagner é contudo claro quanto ao valor positivo dessa «negação da negação», que é a aniquilação de si, como força do amor e não simplesmente como mergulho no nada.

Com base nesta dimensão fundamental, Wagner «eleva a exigência da religião contra a sua representação institucional... pretendendo salvar o seu significado, através de representação artística... colocando assim a obra de arte dramática não como religião da arte, em concorrência com a religião propriamente dita, mas completando-a e esclarecendo-a como obra religiosa de arte, a partir da *memoria*» (250). A obra de arte dramática, sendo obra em processo, é a articulação do próprio processo – sem fim histórico realizável – de realização da única salvação possível, a única que poderá constituir esperança no mundo do sofrimento – a salvação pela *simpatia*, pela *com-paixão* (*Mitleid*), pela prática humana do sofrimento com o sofrimento do outro. E a principal realização dessa compaixão é, segundo Wagner, precisamente o amor entre homem e mulher, a relação amante entre masculino e feminino. Segundo a sua

«metafísica do amor sexual» este é, portanto, quando representado dramaticamente na obra de arte, pragmática de realização da acção salvífica que, porque orientada utopicamente, só pode ser dada por Deus e não conquistada pelos humanos. No seu modo próprio – fragmentário e, por vezes ambíguo – Wagner encontra, assim, um caminho de realização da verdade cristã. Por isso, a sua obra pode ser considerada na perspectiva de uma proposta artística de teologia política, como proposta de realização em processo de uma utopia humana que envolve a prática política das relações inter-humanas.

JOÃO DUQUE

HOFMANN, Peter, **Die Bibel ist die erste Theologie. Ein fundamentaltheologischer Ansatz**, Paderborn: Schöningh, 2006, 462 pp.

O teólogo alemão, elemento importante no grupo de novos teólogos que têm vindo a elaborar uma reflexão teológico-fundamental de peso em terras germânicas, após certo esgotamento das propostas teológicas anteriores, apresenta-nos aqui a sua perspectiva de Teologia Fundamental. É claro que, nas suas linhas gerais, assume o esquema dos tratados clássicos. Mas introduz elementos originais, a começar pela afirmação do próprio título. Mas deixemos essa questão para o final.

A obra, de elevado nível reflexivo e argumentativo, como vem sendo próprio do autor, está dividida em duas grandes partes. A primeira reúne artigos dispersos, numa unidade notável, explorando temas ou campos de abordagem próprios da Teologia Fundamental. A origem dos capítulos origina algumas repetições, que não chegam a maçar, dado o interesse dos tratamentos. A segunda parte é uma